

Departamento de Filosofia

Universidade Federal de Ouro Preto



APRENDER A FILOSOFAR

Desidério Murcho

A CONCEPÇÃO SOCRÁTICA



O QUE A FILOSOFIA É

1. O *telos* do estudo da filosofia é saber filosofar
2. A filosofia é a crítica fundamentada de todas as nossas ideias
3. Não é uma investigação empírica nem matemática
4. É uma disciplina sobre problemas em aberto



O QUE A FILOSOFIA NÃO É

- ⊙ A filosofia não é história da filosofia
 - ⊙ O estudo da filosofia não se reduz à leitura e interpretação de textos clássicos
 - ⊙ O *telos* do estudo não é apenas a compreensão dos textos dos filósofos
- ⊙ A filosofia não é cultura geral
 - ⊙ Não é um elogio de um certo tipo de assuntos
 - ⊙ Não é uma discussão de senso comum



OS ELEMENTOS DA FILOSOFIA

Argumentos

Conceitos

Problemas

Teorias



A filosofia não permitirá que crença alguma passe a inspecção só porque tem sido venerada pela tradição ou porque as pessoas acham que é emocionalmente compensador aceitar essa crença. A filosofia não aceitará uma crença só porque se pensa que é “simples senso comum” ou porque foi proclamada por homens sábios. A filosofia tenta nada tomar como “garantido” e nada aceitar “por fé.” Dedicase à investigação persistente e de espírito aberto, para

descobrir se as nossas crenças são justificadas, e até



JEROME STOLNITZ

Aesthetics and Philosophy of Art Criticism: A Critical Introduction.
Boston, MA: Houghton Mifflin, 1960.

Estaríamos a trair a confiança que o público nos dispensa se, em vez de alargar a capacidade de entendimento dos jovens entregues ao nosso cuidado e em vez de os educar de modo a que no futuro consigam adquirir uma perspectiva *própria* mais amadurecida, se em vez disso os enganássemos com uma filosofia alegadamente já acabada e cogitada por outras pessoas em seu benefício. [...] O método de instrução próprio da filosofia é zetético, como o disseram alguns filósofos da antiguidade (de ζητειν). Por outras palavras, o método da filosofia é o método da *investigação*. [...] Por exemplo, o autor sobre o qual baseamos a nossa instrução não deve ser considerado o paradigma do juízo. Ao invés, deve ser encarado como uma ocasião para cada um de nós formar um juízo sobre ele, e até mesmo, na verdade, contra ele. O que o aluno realmente procura é proficiência no método de reflectir e fazer inferências por si



IMMANUEL KANT

Theoretical Philosophy, 1755-1770. Trad. de David Walford. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

PROBLEMAS FILOSÓFICOS

- ⊙ Será que a vida tem sentido?
- ⊙ O que é o conhecimento?
- ⊙ Os animais têm direitos?
- ⊙ Haverá uma justificação para a autoridade do estado?
- ⊙ Como poderemos saber que o mundo não é uma ilusão?
- ⊙ Será que tudo é relativo?



MAIS PROBLEMAS FILOSÓFICOS

- ⊙ O que é a arte?
- ⊙ O que são os números?
- ⊙ Será a existência de Deus compatível com o sofrimento?
- ⊙ O que é uma lei da física?



FILOSOFIA E COGNIÇÃO

1. Os problemas filosóficos são insusceptíveis de solução experimental ou formal
 2. Mas apesar disso são cognitivamente relevantes
- ⊙ O cientismo nega 2 por entender que sem resultados não há progresso cognitivo



PROBLEMAS NÃO FILOSÓFICOS

- ⊙ Será que os crentes são mais felizes que os ateus? **Sociologia**
- ⊙ Qual é o significado de “A Tabacaria,” de Álvaro de Campos? **Teoria da literatura**
- ⊙ Será um pecado tomar a pílula? **Religião**
- ⊙ Será o último teorema de Fermat verdadeiro? **Matemática**
- ⊙ Qual é a composição química da atmosfera de Júpiter? **Astrofísica**



PROBLEMAS NÃO FILOSÓFICOS

- ⊙ Como evoluiu o conceito de arte ao longo do tempo? *História das ideias*
- ⊙ Como concebiam os gregos a verdade?
História das ideias
- ⊙ O que entende Nietzsche por *Übermensch*?
História da filosofia
- ⊙ Como se caracteriza o dualismo de Descartes? *História da filosofia*



AS RESPOSTAS FILOSÓFICAS



RESPOSTAS NÃO FILOSÓFICAS

- ⊙ Nem todas as respostas aos problemas filosóficos são filosóficas
- ⊙ Para ser filosófica, a resposta tem de estar fundamentada



AVALIAR TEORIAS

1. Como se articulam os diferentes aspectos da teoria?
2. Como responde a teoria ao problema filosófico que se propõe resolver?
3. A teoria é plausível? Que argumentos há a seu favor?
4. A teoria é mais plausível do que as teorias alternativas?



O ESTUDANTE DEVE COMPREENDER

- ⊙ As teorias respondem a problemas reais
- ⊙ Cada teoria é avaliada em contraste com as suas alternativas
- ⊙ O objectivo é saber avaliar criticamente as teorias



APRENDER A FILOSOFAR

- ⊙ Aprender a filosofar é fazer algo mais do que compreender os problemas da filosofia e as ideias e argumentos dos filósofos
- ⊙ Aprender a filosofar é
 - ⊙ Aprender a criticar e analisar as ideias e argumentos dos filósofos
 - ⊙ Aprender a analisar os problemas da filosofia
 - ⊙ Aprender a propor novas ideias e argumentos filosóficos

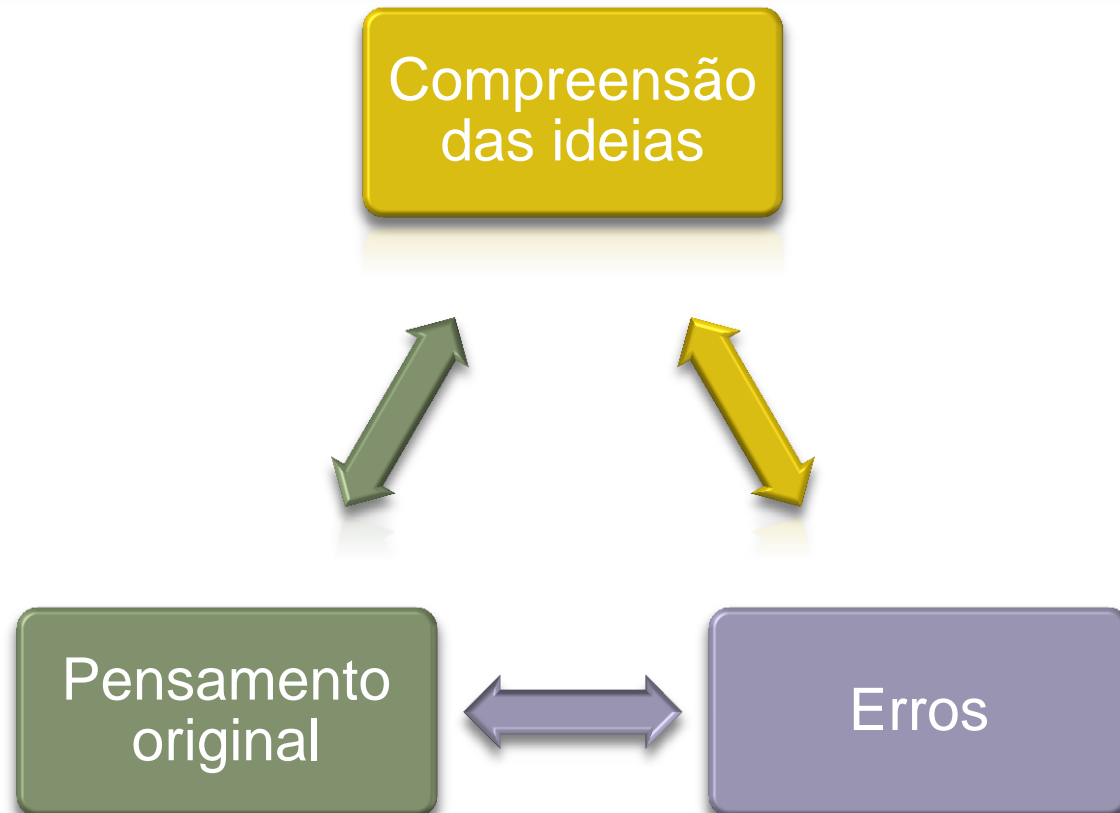


APRENDER A FILOSOFAR

- ⊙ Compreender e interpretar não é filosofar
- ⊙ Compreender os textos dos filósofos não chega
- ⊙ É preciso saber criticá-los



APRENDE-SE A FILOSOFAR FILOSOFANDO



EXIGÊNCIAS FILOSÓFICAS

- ⊙ Desinteresse parcial pela psicologia dos filósofos
- ⊙ Interesse intenso pelas ideias em si



LEITURA CARIDOSA

- ◎ Para fazer uma leitura caridosa é preciso fazer uma leitura crítica



APTIDÕES PARA FILOSOFAR

- ⊙ A capacidade para raciocinar e teorizar intensamente sobre matérias muitíssimo arredadas do factual e do empírico
- ⊙ A capacidade para encontrar objecções e contra-exemplos imaginativos



MEIOS E FINS

- ⊙ A discussão filosófica das ideias e argumentos dos filósofos é diferente da discussão exegética ou histórica
- ⊙ O que na primeira é meramente instrumental é o *telos* da segunda



RELATÓRIO NÃO É ENSAIO

- ⊙ Ensaaios expositivos ou interpretativos são muito diferentes de ensaios filosóficos



PARÁFRASE NÃO É RECONSTRUÇÃO

Paráfrase

- ⊙ Dizer o que está no texto
- ⊙ Fazer comentários estéticos ou históricos
- ⊙ Mimetismo terminológico
- ⊙ Citações e paráfrases

Reconstrução teórica

- ⊙ Interpretação caridosa
- ⊙ Formulação rigorosa da melhor versão teórica
- ⊙ Atenção à cogência argumentativa
- ⊙ Atenção à plausibilidade das ideias



PERGUNTAS FILOSÓFICAS

- ① As ideias do filósofo são plausíveis?
Porquê?
- ① Os seus argumentos são cogentes?
Porquê?



SABER DISCUTIR FILOSOFIA

1. Discussão livre dotada de probidade epistémica
2. Distinção entre noções de base e noções substanciais
3. Conhecimento do contexto teórico relevante
4. Domínio da lógica formal e informal



UM EXEMPLO: PLATÃO



SÓCRATES – Com quem conversas agora? Comigo, sem dúvida?

ALCIBÍADES – Sim.

SÓC. – E eu contigo?

ALC. – Sim.

SÓC. – Quem fala, portanto, é Sócrates?

ALC. – Certamente.

SÓC. – E quem ouve é Alcibíades?

ALC. – Sim.

SÓC. – E Sócrates usa palavras ao falar?

ALC. – Claro.

SÓC. – E tu dirás que falar e usar palavras é a mesma coisa?

ALC. – Claro.

SÓC. – Mas quem usa e o que ele usa são coisas diferentes, não?

ALC. – Que queres dizer?

SÓC. – Por exemplo, não é verdade que um sapateiro usa diversas ferramentas?

ALC. – Sim.

SÓC. – E quem faz os cortes e usa as ferramentas é muito diferente daquilo que se usa ao fazer os cortes, não?



ALC. – Claro.

SÓC. – E, do mesmo modo, o que o harpista usa ao tocar harpa será diferente do próprio harpista?

ALC. – Sim.

SÓC. – Pois bem! Era isto que eu perguntava há pouco: se quem usa e o que ele usa são sempre, na tua opinião, duas coisas diferentes.

ALC. – São coisas diferentes.

SÓC. – Que dizer então do sapateiro? Ele faz cortes só com as ferramentas, ou também com as mãos?

ALC. – Também com as mãos.

SÓC. – Portanto, ele usa também as mãos?

ALC. – Sim.

SÓC. – E ele usa também os olhos, ao fazer sapatos?

ALC. – Sim.

SÓC. – E já admitimos que quem usa e o que ele usa são coisas diferentes?

ALC. – Sim.

SÓC. – Então o sapateiro e o harpista são diferentes das mãos e olhos que eles usam no seu trabalho?

ALC. – Evidentemente.



SÓC. – E o homem usa também todo o seu corpo?

ALC. – Sem dúvida.

SÓC. – E nós dissemos que quem usa e o que ele usa são coisas diferentes?

ALC. – Sim.

SÓC. – Então o homem é diferente do seu próprio corpo?

ALC. – Parece que sim.



Platão, *Alcibíades I*, 129b-129e

Plato. *Alcibiades I & II*. Harvard, MA: Harvard University Press, 1927.

INTERPRETAÇÃO FILOSÓFICA

- ◎ Sócrates apresenta várias razões a favor de uma ideia
- ◎ Essa ideia é a primeira coisa a procurar, pois é a conclusão geral do texto
- ◎ Neste caso, a conclusão é que “o homem é diferente do seu próprio corpo”



IDENTIFICAÇÃO DO ARGUMENTO

- ⊙ Uma vez conhecida a conclusão, torna-se mais fácil reconstruir o argumento ou argumentos
- ⊙ Neste caso, Sócrates afirma que o homem usa o seu corpo. Esta ideia desempenha um papel importante, pois Sócrates dá vários exemplos em que quem usa uma coisa é diferente dessa coisa que é usada. Esta é, pois, a chave para compreender o argumento de Sócrates e uma das suas premissas fundamentais: quem usa uma coisa é diferente do que é usado.



ARGUMENTOS NO TEXTO

Argumento principal

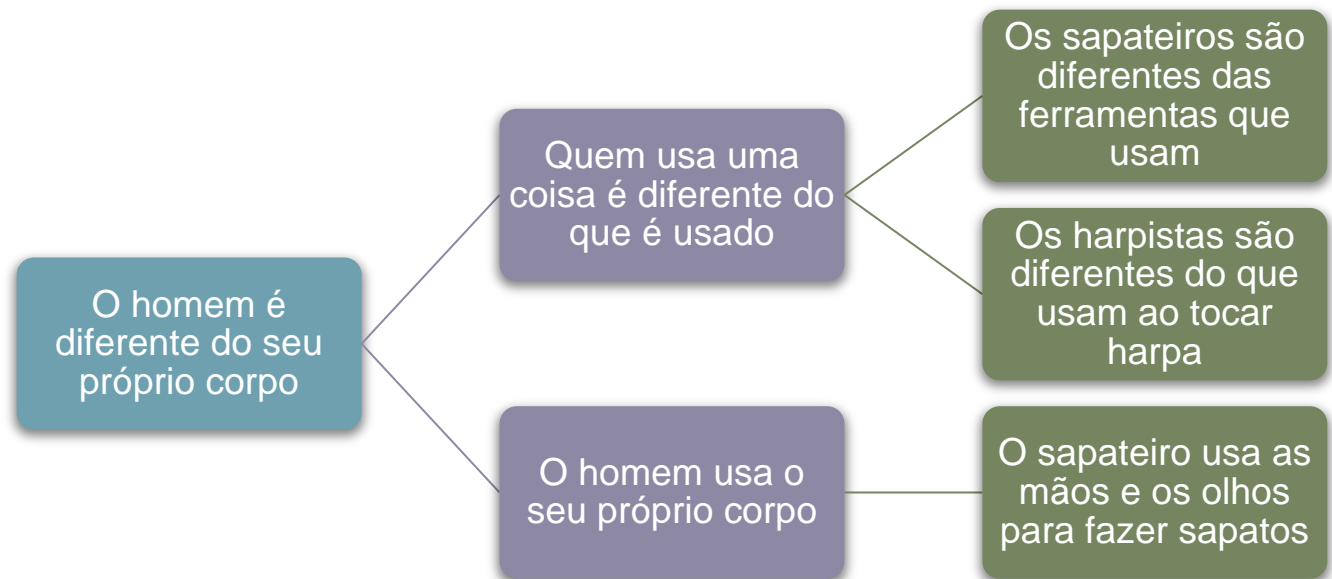
- ⊙ Quem usa uma coisa é diferente do que é usado. O homem usa o seu próprio corpo. Logo, o homem é diferente do seu próprio corpo.

Argumentos complementares

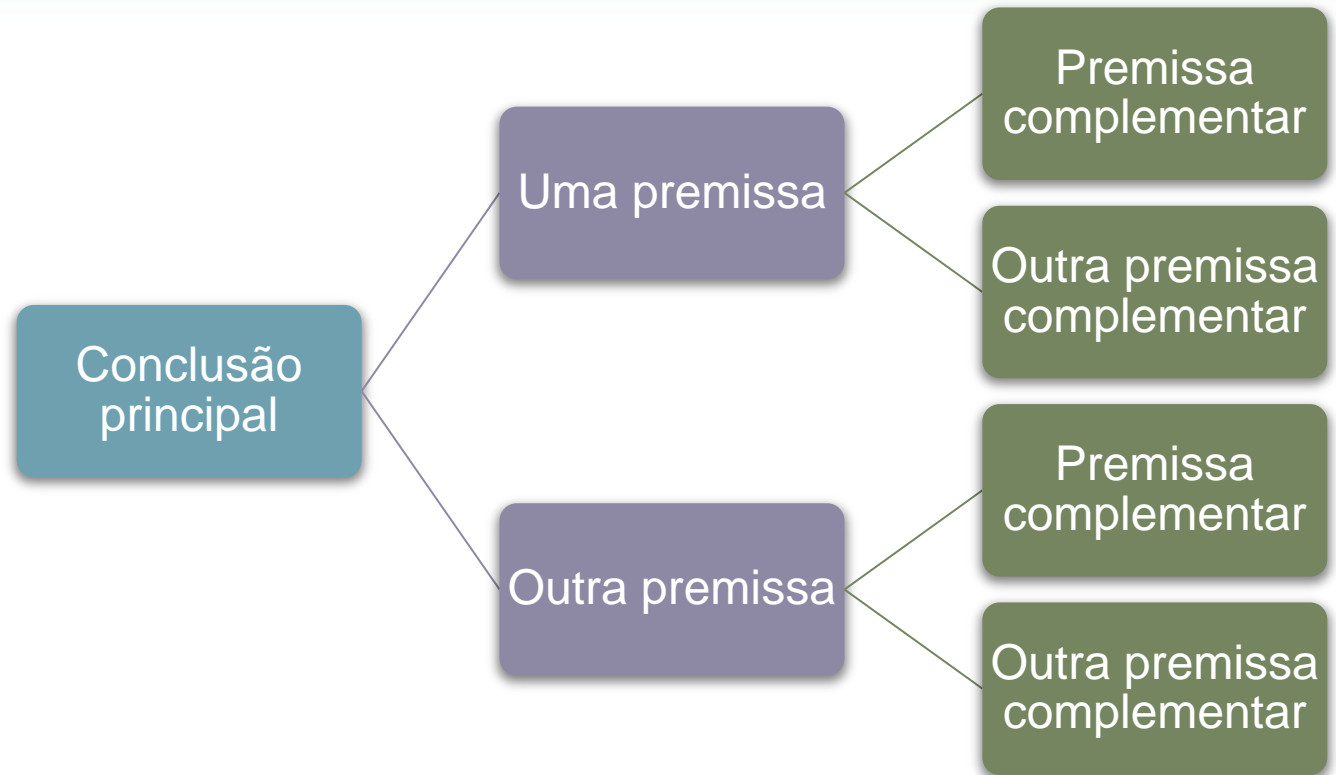
- ⊙ Os sapateiros são diferentes das ferramentas que usam. Os harpistas são diferentes do que usam ao tocar harpa. Logo, quem usa uma coisa é diferente do que é usado.
- ⊙ O sapateiro usa as mãos e os olhos para fazer sapatos. Logo, o homem usa o seu próprio corpo.



ESTRUTURA ARGUMENTATIVA



UMA ESTRUTURA COMUM



DISCUSSÃO DO ARGUMENTO

- ⊙ Para ser cogente um argumento tem de ser válido, ter premissas verdadeiras e mais plausíveis do que a conclusão
- ⊙ O argumento é válido e a sua validade estabelece-se facilmente na lógica de predicados
- ⊙ Mas serão as premissas verdadeiras?



DISCUSSÃO DAS PREMISSAS

- ⊙ Segunda premissa
 - ⊙ O homem usa o seu próprio corpo
- ⊙ A segunda premissa é inatacável: é óbvio que os seres humanos usam os seus corpos
- ⊙ Se a primeira premissa for igualmente verdadeira, será impossível que a conclusão seja falsa, dado que o argumento é válido



A PRIMEIRA PREMISSA

- ⊙ Primeira premissa
 - ⊙ Quem usa uma coisa é diferente do que é usado
- ⊙ Esta premissa é discutível. Sócrates apresenta um argumento complementar para a defender. Trata-se de um argumento indutivo. Isto significa que se houver contra-exemplos, o argumento será inválido. Um contra-exemplo, neste caso, é algo que usa qualquer coisa e que não é diferente do que usa.



CONTRA-EXEMPLOS

- ⊙ Uma planta usa as suas folhas e raízes para se alimentar e respirar
 - ⊙ Mas a planta em si não é diferente das folhas e das raízes que usa
- ⊙ Um rio usa a água, o leito e as suas margens, num certo sentido
 - ⊙ Mas o rio não é diferente dessas coisas que usa



POSSÍVEL RESPOSTA

- ⊙ Nem as plantas nem os rios têm consciência, e por isso não podemos dizer estritamente que usam seja o que for



OBJEÇÃO À RESPOSTA

- ⊙ Essa resposta transforma o argumento numa petição de princípio
- ⊙ Pois nesse caso temos de começar por admitir que os seres humanos têm algo diferente dos seus corpos – a consciência. Mas isso é o que o argumento pretende defender e por isso não pode ser pressuposto. Se o fizermos, o argumento não é cogente porque quem recusa a conclusão irá recusar as premissas, reinterpretadas desse modo.



CONTRA-ARGUMENTO

- ⊙ Parece haver qualquer coisa de mais fundamentalmente errado com o argumento. Pois com o mesmo tipo de argumento podemos sempre mostrar que os seres humanos são diferentes de tudo e mais alguma coisa, incluindo a sua alma, consciência ou pensamentos:
 - ⊙ Quem usa uma coisa é diferente do que é usado. Os seres humanos usam a sua alma, consciência e pensamentos. Logo, os seres humanos são diferentes da sua alma, consciência e pensamentos.



CONCLUSÃO

- ① O argumento de Sócrates não parece cogente porque
 1. Apoia-se numa premissa plausivelmente falsa
 2. Se fosse cogente, outro argumento análogo poderia ser construído para provar que os seres humanos são diferentes de seja o que for que se considere



BIBLIOGRAFIA E CONFUSÃO



CONHECIMENTO BIBLIOGRÁFICO

- ◎ Bibliografia introdutória não é o mesmo que bibliografia secundária
- ◎ Alguma bibliografia secundária não é introdutória



BIBLIOGRAFIA INTRODUTÓRIA

- ⊙ Socrática: a experiência do filosofar
- ⊙ Descritiva: referências históricas e bibliográficas
- ⊙ Antologias



CONDIÇÕES PARA FILOSOFAR

- ⊙ Acesso a boas obras introdutórias que ensinam a compreender textos filosóficos sofisticados
- ⊙ Compreensão dos problemas que estão na origem das ideias e argumentos da filosofia
- ⊙ Conhecimento das alternativas teóricas relevantes
- ⊙ Saber argumentar



CONDIÇÕES ESCOLARES GERAIS

- ⊙ Incentivo à discussão na aula
- ⊙ Os conteúdos, bibliografias e conhecimentos não podem ser usados para oprimir o aluno

